

A IMPORTÂNCIA DO PARCEIRO COMO ACOMPANHANTE DA MULHER NA PARTURIÇÃO

THE IMPORTANCE OF PARTNER AS ACCOMPANY THE WOMAN IN PARTURITION

Marta Carvalho Moura¹
Soraia Botelho Nunes¹
Rita de Cássia Vellozo da Silva²

RESUMO

Trata-se de um estudo de pesquisa qualitativa, descritiva, exploratória de natureza bibliográfica, que buscou discutir a importância da participação do pai/parceiro como acompanhante no momento do trabalho de parto, parto e puerpério, conhecendo suas expectativas, sentimentos e vivências. As informações foram coletadas em base de dados eletrônica, em artigos que discutiram a experiência do pai/parceiro em vivenciar o nascimento do filho, onde dizem ser uma experiência única. Vimos a caracterização histórica do pai contribuindo para a mudança do comportamento afetivo e da participação no período gestacional. A participação da equipe de enfermagem dando o suporte necessário para a efetivação desse acompanhamento é importante.

PALAVRAS-CHAVE: Parturiente. Acompanhante. Parto humanizado

ABSTRACT

This is a study of qualitative research, descriptive, exploratory nature of bibliographic, which sought to discuss the importance of the father/partner involvement as an escort at the time of labor, parturiente and puerperium, meeting their expectations, feelings and experiences. Data were collected in an electronic database, on articles that discussed the experience of the father/partner experience the birth of the child, which claim to be a unique experience. We saw the historical characterization of parent contributing to the change in affective behavior and participation during pregnancy. The participation of nursing staff providing the necessary support for the effectiveness of this monitoring is very important.

KEYWORDS: Parturient. Accompanying. Humanized Parturition

¹Pós-Graduandas em Enfermagem Obstétrica pela Escola Bahiana de Medicina e Saúde Pública.

²Enfermeira, Doutoranda em Enfermagem da Universidade Federal da Bahia, Docente de Metodologia da Pesquisa na Pós-Graduação em Enfermagem Obstétrica da Escola Bahiana de Medicina e Saúde Pública.

INTRODUÇÃO

A gestação mobiliza uma explosão de sentimentos no casal, assim como gera ansiedade com a espera e a preparação para o nascimento do bebê. Nesse momento, há um período de transição no qual os pais se preparam para os novos papéis diante da chegada do bebê e para tudo o que isso irá exigir deles, envolvendo-os de forma física e emocional com o período gestacional (PICCININI *et al.*, 2004).

Atualmente está havendo uma modificação dentro da nossa cultura, no conceito de masculinidade, diminuindo-se as diferenças entre a maneira de agir dos homens e das mulheres. Pesquisas mostram que a experiência da paternidade vem se modificando, surgindo um maior envolvimento afetivo e uma maior preocupação com a divisão de tarefas entre pai e mãe e, também, com a interação e o companheirismo entre pai e filho (SCHNEIDER *et al.*, 1997).

A vivência do parto é considerada uma experiência única na vida do homem e da mulher (MALDONADO, 1997). Devido a esse fator, é necessário considerar o momento do parto como um acontecimento intenso para o casal. Tanto um quanto o outro podem vivenciar múltiplos sentimentos com a chegada do novo integrante da família, o que torna necessário que a equipe de saúde esteja preparada para acolher e proporcionar ao casal um momento agradável, tranquilo, contribuindo para que esta seja uma experiência positiva para ambos (PERDOMINI, 2011).

Atualmente homens e mulheres fazem parte de uma geração em transição; ser pai não é unicamente considerado algo de ordem biológica, do ponto de vista reprodutivo, pois os homens já não são mais vistos exclusivamente como provedores. A literatura indica que o envolvimento do pai na gestação parece ter importantes implicações para o desenvolvimento das primeiras relações pai-bebê e mãe-bebê, em que a aceitação e o interesse do pai pelo conceito, leva a mulher grávida a sentir-se segura, criando um vínculo maior com o ser que cresce dentro de si. Quando o homem, nesta etapa, percebe que está excluído do contexto familiar e da relação na gestação, isso pode suscitar sentimentos de ciúme, inveja, ansiedade e solidão, como relata Piccinini (2004); fazendo com que o vínculo se torne cada vez mais difícil e a gravidez se torne uma ameaça.

O pré-natal é um bom momento de inserção, em que o pai descobre, identifica e se relaciona com o bebê, é o primeiro contato com os batimentos cardíacos, visualização da ultrassonografia e conhecimento sobre suas condições de saúde; neste espaço o homem

começa a perceber a responsabilidade e a importância de sua participação na saúde da mulher e do conceito. (MALDONADO, 1997).

A inserção dos pais na maternidade pública pode contribuir para a construção da paternidade participante e afetiva trazendo importantes contribuições e questões de exercício dos direitos reprodutivos dos homens e mulheres de nosso país. Entretanto, somente a criação de programas e estratégias para humanizar o parto e nascimento não estão sendo suficientes para mudar a forma de assistir a esta população (CARVALHO, 2003; TAVARES, 2003).

Nesse sentido é necessário que as instituições hospitalares devam garantir o cumprimento da Lei nº 11.108, promulgada em 7 de abril de 2005, que assegura a presença do acompanhante de escolha da mulher durante o processo do nascimento (BRASIL, 2005). Assim a mulher poderá optar em ter um acompanhante com o qual ela possua vínculo para estar ao seu lado seja no período de trabalho de parto, parto ou pós-parto imediato.

O pai do bebê pode ser considerado o acompanhante ideal para a mulher no processo de parturição, devido a fatores como a formação de vínculo e a representação de laços de família, uma vez que, ao acompanhar o nascimento do filho, ele estaria afirmando sua paternidade, assim como valorizando seu papel (DOMINGUES, 2002; TARNOWSKI *et al.*, 2005; STORTI, 2004).

Neste sentido, não se pode negar ao pai vivenciar um dos momentos mais importantes da vida do ser humano: o nascimento. Este significa o ponto máximo da gestação, visto que o bebê se torna real, podendo ser pego nos braços, o que proporciona emoções marcantes (FREITAS, 2007).

Frente ao exposto, este estudo buscou discutir a importância da participação do pai/parceiro como acompanhante da parturiente no momento do trabalho de parto, parto e puerpério, na perspectiva desse acompanhante.

METODOLOGIA

Caracteriza-se por um estudo de pesquisa qualitativa, descritiva, exploratória de natureza bibliográfica. Segundo Marconi e Lakatos (1992), a pesquisa bibliográfica é o levantamento de toda a bibliografia já publicada, em forma de livros, revistas, publicações avulsas e imprensa escrita. A sua finalidade é fazer com que o pesquisador entre em contato direto com todo o material escrito sobre um determinado assunto, auxiliando o cientista na análise de suas pesquisas ou na manipulação de suas informações. Ela pode ser considerada como o primeiro passo de toda a pesquisa científica.

A coleta de dados foi realizada através de sites científicos e seguros como: LILACS (Literatura Latino-Americana e do Caribe em Ciências da Saúde), BIREME (Centro Latino-Americano e do Caribe de Informação em Ciências da Saúde), MEDLINE (Sistema Online de Busca e Análise de Literatura Médica), SCIELO (Scientific Electronic Library Online), utilizando-se artigos e dissertações publicados no período de 2009 a 2013, e que atendiam ao objetivo proposto no estudo. Foram encontrados seis artigos, sendo dois deles excluídos, pois não se enquadravam no objetivo. Utilizou-se como descritores: parturiente, acompanhante, parto humanizado.

Foram definidos como critérios de inclusão os artigos que abordavam o parceiro como acompanhante da gestante, sendo ele o pai do bebê ou parceiro atual, de sua livre escolha; serem de acesso livre e gratuito; estarem na íntegra e na língua portuguesa. E, como critério de exclusão, os artigos que traziam como acompanhante da parturiente os demais membros da família.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A presença do parceiro na cena do parto, acompanhando a evolução do trabalho de parto e parto da mulher, apoiando-a constantemente, tem consequências no desfecho do nascimento do bebê: efeitos positivos na construção do vínculo entre o pai e o recém-nascido, assim como, estímulo à mulher no momento de parir, podendo, dessa forma, diminuir intercorrências durante o processo de nascimento o qual certamente será lembrado de forma marcante na vida do casal (PERDOMINI, 2011).

O acompanhante muitas vezes tem sido visto como um problema, pois supõe-se que o mesmo ao lado da mulher irá atrapalhar o seu desempenho no trabalho de parto e parto, mas estudos tem demonstrado que esse acompanhante tem trazido efeitos positivos tanto para a parturiente quanto para o recém-nascido.

O estudo de Alexandre (2009) buscou analisar a vivência do pai em relação ao trabalho de parto e parto, onde foram entrevistados sete pais que presenciaram o trabalho de parto e parto de sua esposa, onde os sujeitos do estudo tinham idade entre 24 e 53 anos; três eram casados e quatro viviam em união consensual. Para todos os entrevistados era a primeira vez que vivenciavam o nascimento de uma criança, porém seis entre eles já possuíam filhos.

No referido estudo, a vivência do processo de parto e nascimento despertou nos entrevistados inúmeros sentimentos, relatados como algo inexplicável, uma sensação de emoções que os sujeitos não souberam identificar. Como sentimentos positivos pode-se

destacar: amor, coragem, curiosidade, afeto, empolgação, prazer, realização, responsabilidade, tranquilidade, entre outros que consideraram o momento como inesquecível, válido e proveitoso. Mas a maioria dos entrevistados, seis deles, relataram pelo menos um sentimento desagradável: indecisão, angústia, ansiedade, decepção, impaciência, medo, nervosismo, preocupação, sofrimento, tensão, explicitando os diferentes sentimentos vivenciados.

No mesmo estudo, embora tenha-se observado que os acompanhantes desfrutam de sentimentos positivos, já que estão vivenciando algo novo, alguns deles acabam se deparando também com sentimentos negativos, onde o desconhecido acaba gerando medo, ansiedade, nervosismo, mas mesmo com esses sentimentos, eles desfrutam do momento único e lindo que é ver sua companheira dando à luz ao seu filho.

A participação efetiva do pai no processo de nascimento de filhos ainda não é algo comum às famílias brasileiras. Como poucas experiências de vida se aproximam à do nascimento em relação ao nível de estresse, ansiedade, dor, esforços e uma explosão de sentimento, ao vivenciá-la eclode-se uma intensidade de sentimentos, sendo que estes ficam marcados para sempre na memória e vida destes pais (STORTI, 2004).

Todavia, ao enfrentar um momento ímpar como este é natural que se vivencie momentos de tensão e medo, pois o homem também vivencia ansiedade em relação ao parto e todos os componentes de medo do desconhecido, da imprevisibilidade, do risco (MALDONADO, 2002). Isto acontece, principalmente, quando os pais vivenciam a primeira experiência de presenciar o nascimento de um filho, não tendo, portanto, parâmetros anteriores ao momento do parto. Porém, estes momentos desconfortáveis tiveram pouca significância frente às emoções positivas relatadas do momento (ALEXANDRE 2009).

Embora os acompanhantes vivenciem momentos de tensão as evidências científicas mostram que o apoio emocional no parto é uma medida simples e que pode melhorar muito a experiência do parto, pois tem menores ocorrências de analgésicos, menos risco de cesárea ou de partos por fórceps, maior satisfação com o parto, menor risco de lesão do períneo, além de que a parturiente tem a certeza de que alguém muito próximo a ela e que a ama está ali ao lado lhe dando todo o apoio.

A garantia da informação sobre o direito de escolha de acompanhante no pré-natal e a privacidade das gestantes no pré-parto são fundamentais para garantir a presença dos pais (CARVALHO, 2003).

A participação do pai no parto não é obrigatória. É um direito que pode ou não ser exercido, se for esta a preferência da parturiente e seu companheiro, mas que tem que ser

respeitado e aceito pelas instituições, e a mulher deve ter esse direito de escolher e não ser imposto pela maternidade que se deve ou não ter um acompanhante (CARVALHO, 2003).

Sendo o momento do parto de grande sofrimento tanto para o pai, à espera na maternidade, quanto para a gestante internada e solitária (CARVALHO, 2003), a informação torna-se fundamental para a transformação deste momento, assim como a comunicação interpessoal, considerada como um processo humanitário que envolve ajustes e adaptações contínuos entre dois ou mais seres humanos comprometidos em interações face a face (LEVANDOWSKI; PICCININI, 2002).

A mulher tem direitos e dentre eles está o de ser informada pelos profissionais sobre os procedimentos que serão realizados com ela e o bebê, e a falta de informações pode ser encarada como um desrespeito à paciente e/ou família (LINDNER *et al.*, 2006).

A falha na comunicação em um momento tão importante na vida do casal pode deixar uma impressão negativa do nascimento, consequentemente, atribuir ao profissional a responsabilidade por isso. Ressalta-se a necessidade de reflexão por parte dos profissionais de saúde de que neste período gestacional e de nascimento, as pessoas ficam mais vulneráveis e acessíveis às informações, devendo os profissionais de saúde fornecê-las (ALEXANDRE 2009).

É importante ter alguém vivenciando com ela o processo, pois o apoio emocional oferecido à parturiente fortalece a mesma no seu caminho até o parto colaborando na construção do conhecimento sobre o processo do nascimento e sobre si mesma, levando à uma experiência positiva e à um nascimento tranquilo e saudável (STORTI, 2004).

Ao sentir-se envolvido com a gravidez e o parto, o homem prepara-se para participar mais ativamente nos cuidados com o filho (ESPIRIDO-SANTO, 2000). Os pais, mais provavelmente, desenvolvem um sentimento de autoconfiança e efetividade quando as interações são mutuamente satisfatórias, o que por consequência melhora a qualidade da interação (ÂNGELO, 2009).

Constatou-se que a inserção do pai neste evento é de fundamental importância para estabelecer vínculos precoces entre pai e filho, visando eliminar ou diminuir a violência doméstica contra crianças, o abandono familiar, e, ainda, possibilitar a emergência do papel de pai como cuidador (STORTI, 2004).

Destaca-se que “os contatos, nos primeiros minutos e horas de vida, entre mãe-filho e pai-filho, são importantes para o desenvolvimento afetivo da família” (SANTOS *et al.*, 2000, 362-74). Evidenciou-se que, com a participação do pai no nascimento do filho, há maior

oportunidade de desenvolvimento de aproximação do pai com o filho, despertando no pai atitudes de valorização do filho.

No estudo de Alexandre (2009) teve-se o relato de quatro dos sete entrevistados, que após participarem do parto de suas esposas modificaram seu pensamento a respeito do nascimento e parto, antes pensado como algo difícil, complicado. Evidenciam-se visões diferentes, provavelmente influenciados pela história sociocultural, relacionado à participação neste processo, ainda nos traz que cinco dos sete pais entrevistados deixaram recomendações para que os maridos participem do parto de suas esposas, apontando este momento como positivo e destacando a importância da participação paterna no processo de nascimento do filho.

Um dos fatores mais citados nesse estudo foi a importância atribuída à participação do homem no processo de nascimento, desejada pela parturiente, sendo que esta posteriormente ao parto, relatou que a presença dele foi fundamental. Eles reconheceram que o papel desempenhado como acompanhante durante o processo de nascimento foi o de proporcionar à esposa apoio e segurança.

Segundo o estudo desenvolvido por Gonzalez *et al.*, (2012) onde foram entrevistados nove sujeitos entre 19 e 43 anos de idade, os sentimentos vivenciados relatados pelos participantes foram intensos e variados, expressos como experiência única e emocionante. Esses relataram sentir-se importantes por estarem junto com a parturiente, oferecendo apoio e incentivo. Desses entrevistados, sete disseram estar satisfeitos com o papel desempenhado, por terem realizado ações de apoio para que a parturiente ficasse tranquila e confiante. Na visão do acompanhante há sentimentos de satisfação e valorização deste momento, ao oferecer ajuda e fortalecer vínculos.

O nascimento é uma fase de transformação familiar e merece atenção especial, portanto, a presença do acompanhante é indispensável e deve ser vista de forma positiva por todos os membros envolvidos no nascimento (GONZALEZ *et al.*, 2012). Para isso, é necessária qualidade de assistência e não somente o cumprimento das técnicas e rotinas. A atuação dos membros da equipe de saúde é de extrema importância, para a inserção, interação e orientação do acompanhante, fazendo com que este saiba desempenhar seu papel, bem como os benefícios da sua presença (ALEXANDRE, 2009).

A inserção do homem no nascimento permite delinear um novo papel para ele. Os pontos positivos vivenciados pelo acompanhante neste contexto estão relacionados à maior intimidade com a mulher, admiração pela força, sensação de orgulho e satisfação com a chegada do bebê, o que foi percebido pelos depoimentos dos pais demonstrado no estudo de

Gonzalez *et al* (2012), confirmando que o parto é um momento de intensas emoções e a participação do acompanhante favorece contribuições no âmbito familiar (TOMELERI *et al.*, 2007).

No estudo desenvolvido por Perdomini (2011) onde os entrevistados foram 24 pais que estiveram presentes durante o trabalho de parto e ou parto de sua companheira, internadas no Centro Obstétrico, buscou analisar a participação do pai como acompanhante da mulher no parto relatando a experiência de ser acompanhante.

Ser acompanhante da mulher durante o trabalho de parto e parto representa para o homem uma oportunidade de vivenciar o nascimento de seu filho. Cada pai percebe sua participação como acompanhante de diversas maneiras. Independentemente de qual seja sua percepção desse papel, acredita-se que esse momento o remeta a uma experiência com um significado importante para sua vida (PERDOMINI, 2011).

Lembranças do nascimento do filho provavelmente permanecerão na memória para sempre, para alguns pais, para outros nem tanto. No entanto, de alguma forma, haverá um sentido único para cada pai que esteve presente no momento de a mulher dar a luz ao seu filho. Ser acompanhante da mulher durante o trabalho de parto e parto representa para o homem uma oportunidade de vivenciar o nascimento de seu filho mesmo que de forma indireta (FREITAS, 2007).

De acordo com o estudo realizado por Perdomini (2011) os pais verbalizaram também a preocupação com o fato de a mulher ficar sozinha. Acreditavam que, caso não estivessem presentes, isso poderia gerar nela um sentimento de abandono, de solidão, o que contribuiria de forma negativa no processo de nascimento e traria consequências, tanto para ela quanto para o bebê. Nesse sentido, eles referiram que sua presença poderia interferir de forma benéfica, nesse momento, para deixá-la mais calma e tranquila. Ademais, poderiam ver se a mulher estava bem, se o bebê nasceu bem, além de ser possível acompanhar as ações médicas e verificar se tudo estava ocorrendo dentro da normalidade.

Em vista disso, essa preocupação já foi evidenciada em mulheres que, durante o trabalho de parto, solicitaram não ficarem sozinhas por se sentirem mais calmas e seguras com a presença de alguém, e o fato de estarem só poderia, inclusive, gerar medo (RODRIGUES, 2008).

Durante as observações feitas nas pesquisas, percebeu-se que alguns pais permaneciam em silêncio na sala de pré-parto, ainda que a mulher, em trabalho de parto, referisse dor pelas contrações uterinas. Outros pais verbalizaram a preocupação em não atrapalhar o andamento do trabalho de parto de sua companheira, não realizando atividades

que caberiam ao acompanhante. Ficavam num canto da sala, de onde pudessem olhar pela janela, mexendo em celulares. Muitos acompanhantes ficam em silêncio e não olham para a parturiente por não saber o que fazer para ajudar, acreditando que o melhor é não atrapalhar.

Nota-se a preocupação de alguns pais/parceiros em não atrapalhar o andamento do trabalho de parto. Na percepção deles, sentiram-se acompanhantes da mulher, mesmo em silêncio, observando tudo o que estava acontecendo a sua volta, estando presentes, mas calados. Cabe, nesse momento, ressaltar que os pais desse estudo perceberam sua participação como acompanhante da mulher, durante o trabalho de parto ou no parto, de forma singular, única, o que parece significar que não existe um papel definido para o acompanhante de parto. Assim, independente das atividades exercidas ou não por eles, de fato, os pais entenderam-se como participantes desse processo.

No mesmo estudo realizado por Perdomini (2011) houve outros pais que se sentiram como cuidadores da mulher, onde afirmaram que puderam auxiliar a equipe de saúde nos cuidados que estavam sendo prestados à mulher quando ela necessitava de algo. Além da presença física junto à mulher, outra forma de participação, segundo os pais, no referido estudo foi conversar com ela. Sentiram que, ao verbalizar palavras de apoio e de carinho, tranquilizaram-na, amenizando o desconforto causado pelas contrações uterinas.

Há achados que indicam em relação a esse apoio emocional, que os pais que estabelecem uma boa relação verbal com a mulher, que dirigem a ela palavras de carinho, encorajamento e elogios, conseguem efetivamente acalmá-la (MOTTA, 2005).

Esse apoio emocional também é enfatizado por Silva (2007) quando refere seus efeitos benéficos para a mulher, uma vez que elas relataram que o suporte dado pelo acompanhante, durante o trabalho de parto e parto, reforçou de forma positiva o processo de nascimento e propiciou segurança a elas, e alguns participantes reforçaram que houve satisfação na vivência dessa experiência, mesmo com momentos de impotência diante do processo.

O apoio dado à mulher pode trazer como consequência o fortalecimento da relação do casal, principalmente no período do trabalho de parto, os pais perceberam o quanto gostavam da sua companheira, valorizando cada instante em que estiveram juntos. Eles vivenciaram e experimentaram um sentimento de preocupação com o bem-estar dela (GUZZO, 2008).

Em suas falas, os pais citaram o quanto foi importante para eles estarem presentes nos primeiros minutos de vida do seu filho, sentindo-se gratificados ao serem os primeiros a pegar o bebê no colo e poder ouvir seu choro. É possível perceber a emoção do pai pelo nascimento do filho, demonstrando já poder existir um envolvimento emocional a partir dos primeiros momentos de vida do bebê, iniciando o vínculo entre pai e filho (PERDOMINI, 2011).

Verifica-se assim o quanto pode ser significativo para o homem vivenciar o nascimento do seu filho, um momento que faz parte da transição para o papel de pai, poder concretizar a espera de nove meses, ver o bebê e pegá-lo nos braços.

Ao acompanharem o parto, alguns pais mudam sua ideia a respeito da sala cirúrgica. Eles imaginavam a sala agitada, com presença de sangue e agulhas. Assim, ao entrar na sala de parto, esperam um ambiente diferente do que encontram, percebendo então, que não é como haviam imaginado. Quando verificam como é o ambiente hospitalar, eles desmitificam todo o processo (TOMELERI *et al.*, 2007).

Independente disso, a experiência de acompanhar o parto é tão gratificante que eles acabam recomendando a outros pais. Eles entendem que esta é uma obrigação deles, acompanhar a mulher durante o processo de nascimento, e que essa participação proporciona segurança e apoio à parturiente, evitando possíveis complicações.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste estudo os pais/parceiros perceberam que podem oferecer apoio emocional à mulher, dando-lhe segurança através de palavras, gestos de carinho e conforto, mesmo que permaneçam em silêncio e que não realizem as atividades pertinentes ao acompanhante do parto, também se sentem acompanhantes da mulher nos momentos de espera ao lado dela, proporcionando-lhe companhia e acalmando-a no momento das contrações uterinas.

Observou-se que, estar presente durante esse processo pode permitir aos pais/parceiros uma transição tranquila para a parentalidade. Isto se dá também quando eles podem pegar o bebê no colo, ouvir seu choro, ver que tudo deu certo. Nesse sentido, destaca-se o valor que tem para o pai a possibilidade de vivenciar o nascimento do seu filho, seja pela primeira vez ou não. Essa vivência reveste-se de especial importância na sua participação em todas as etapas do ciclo gravídico-puerperal, o que é fundamental para a formação do vínculo pai-filho.

Alguns homens, independente da faixa etária, níveis de instrução e estado civil, desejam participar, estar presente no nascimento de seus filhos, independente do tipo de parto. A vivência deste momento por esses homens desencadeia manifestações sentimentais, explicáveis e inexplicáveis, agradáveis ou não, demonstrando que a vivência deste processo marca para sempre seus participantes e tem representatividade expressiva para eles.

Os sentimentos e emoções demonstram a magnitude do momento que os acompanhantes têm em participar do momento do parto. Quando é a primeira vez que os pais

participam do nascimento de um filho surgem também sentimentos desagradáveis, porém numa proporção significativamente inferior que a dos sentimentos agradáveis, reforçando que este momento é de transição na vida das pessoas envolvidas com a gestação e que eles estão sujeitos a vivenciarem também alguns destes sentimentos.

Muitos serviços de saúde ou profissionais dificultam ou recusam a presença do pai no parto. O acompanhante muitas vezes é visto como um problema, por que os serviços não estão preparados para recebê-lo. Há justificativas de que não há espaço adequado ou a presença de mais uma pessoa no ambiente do parto aumentaria os custos ou o risco de infecção, e também argumentos de que os acompanhantes podem ficar agressivos, que não entendem os procedimentos ou que atrapalham o trabalho dos profissionais.

É preciso exercer uma prática de cuidado humanizado na assistência ao parto e os profissionais devem agir como facilitadores do processo e não como atores principais, desenvolvendo uma visão holística, olhando não apenas a mulher, mas toda sua família.

Esta revisão, embora restrita à literatura nacional e com poucos artigos incluídos, proporcionou reflexões sobre a importância do pai/parceiro como acompanhante no processo parturitivo, na perspectiva destes atores, já que a presença deles pode trazer às parturientes mais segurança e tranquilidade em um dos momentos mais importantes na vida do casal.

REFERÊNCIAS

ALEXANDRE, A.M.C.; MARTINS, M. A vivencia do pai em relação ao trabalho de parto e parto. **Cogitare Enferm** 2009; 14(2):324-31.

ÂNGELO, M. Abrir-se para a família: superando desafios. **Família, Saúde e Desenvolvimento** 2009;1(1):7-147.

BRASIL. Lei Nº 11.108, de 7 de abril de 2005. Dispõe sobre a garantia às parturientes o direito à presença de acompanhante durante o trabalho de parto, parto e pós parto imediato, no âmbito do Sistema Único de Saúde. Diário Oficial da República Federativa do Brasil, 8 abril 2005. Seção 1.

CARVALHO, M.L.M. Participação dos pais no nascimento em maternidade pública: dificuldades institucionais e motivações dos casais. **Caderno de Saúde Pública**, 2003; 9(Suppl2):389-98.

DOMINGUES, R.M.S.M. **Acompanhantes familiares na assistência ao parto normal: a experiência da maternidade Leila Diniz [dissertação]**. Rio de Janeiro (RJ): Escola Nacional de Saúde Pública, Fundação Oswaldo Cruz; 2002.

ESPIRIDO-SANTO, L.C.; BONILHA, A.L. Expectativas, sentimentos e vivências do pai durante o trabalho de parto e nascimento do seu filho. **Revista Gaúcha Enfermagem** 2000;21(2):87-109.

FREITAS, W.M.F.; COELHO, E.A.C.; SILVA, A.T.M.C. Sentir-se pai: a vivência masculina sob o olhar de gênero. **Cad Saúde Pública** 2007; 23(1):137-45.

GONZALEZ, A.D.; FERNANDES, E.S.; SILVA, E.F.; RABELO, M.; SOUZA, S.R.R.K. A percepção do acompanhante no processo do nascimento. **Cogitare Enferm** 2012; 17(2):310-4

GUZZO, G.M. **Conhecendo os pais que acompanham o nascimento dos seus filhos: quem são e o que pensam sobre sua participação no parto** [trabalho de conclusão]. Porto Alegre (RS): Universidade do Rio Grande do Sul; 2008.

LEVANDOWSKI, D.C.; PICCININI, C.A. A interação pai-bebê entre pais adolescentes e adultos. **Psicol Refl Crítica** [Online] 2002;15(2). Disponível: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-79722002000200018&lng=pt&nrm=iso. Acesso em 14 agosto 2014.

LINDNER, S.R.; COELHO, E.B.S.; BUCHELE, F.; SOARES, C. Direitos reprodutivos: o discurso e a prática dos Enfermeiros sobre planejamento familiar. **Cogitare Enferm.** 2006;11(3):197-205.

MALDONADO, M.T. **Psicologia da Gravidez**. 16ª ed. São Paulo: Saraiva; 2002; p. 68.

MALDONADO, M.T.P. **Nós estamos grávidos**. 10ª ed. São Paulo (SP): Saraiva; 1997.

MOTTA, C.C.L.; CREPALDI, M.A. O pai no parto e apoio emocional. **Paidéia [online]**. 2005; 15(30). Disponível em: <http://sites.ffclrp.usp.br/paideia/artigos/30/11.html>. Acesso em 14 agosto 2014.

PERDOMINI, F.R.I.; BONILHA, A.L.L. A participação do pai como acompanhante da mulher no parto. **Texto Contexto Enfermagem**, 2011; 20(3): 445-52.

PICCININI, C.A.; SILVA, M.R.; GONÇALVES, T.R.; LOPES, R.S., TUDGE, J. O envolvimento paterno durante a gestação. **Psicol. Reflex. Crít.** 2004 Set-Dez; 17(3):303-14.

RODRIGUES, A.V.; SIQUEIRA, A.A.F. Sobre as dores e temores do parto: dimensões de uma escuta. **Rev. Bras. Saúde Mater. Infant.** 2008 Abr- Jun; 8(2):179-86.

SANTOS, V.S.C.; PRADO, M.L.; BOEHS, A.E. A atuação da Enfermeira junto ao casal/RN, no processo de parir, baseada na teoria de Madeleine Leininger. **Texto Contexto Enferm.** 2000;9(2):362-74.

SCHNEIDER, J.F. et al. A paternidade na perspectiva de um grupo de pais. **Revista Gaúcha de Enfermagem**, 1997;18(2):113-122.

SILVA, A.V.R.; SIQUEIRA, A.A.R. O valor do suporte a paciente: um estudo de relação interpessoal no contexto de um centro de parto normal. **Revista Brasileira Crescimento Desenvolvimento Humano**. 2007; 17(1):126-35.

STORTI, J.P.L. **O papel do acompanhante no trabalho de parto e parto: expectativas e vivências do casal.** [Dissertação]. São Paulo (SP): Universidade de São Paulo. Programa de Pós Graduação em Enfermagem; 2004.

TARNOWSKI, K.S.; PRÓSPERO, E.N.S.; ELSEEN, I. A participação paterna no processo de humanização do nascimento: uma questão a ser repensada. **Texto Contexto Enferm.** 2005; 14(Esp):102-8.

TAVARES, C.M.A.; GAÍVA, M.A.M. O nascimento: um evento pertencente à equipe de saúde? **Texto Contexto Enferm.** 2003; 12(4):569-75.

TOMELERI, K.R.; PIERI, F.M.; VIOLIN, M.R.; SERAFIM, D.; MARCON, S.S. Eu vi o meu filho nascer: vivência dos pais na sala de parto. **Revista Gaúcha de Enfermagem.** 2007; 28(4):497-504.